

2016



BOLETIM DE PETRÓLEO

Gerencia de Operações e Planejamento

Janeiro - 16



I – Cenário Internacional

A Europa vive um ambiente político conturbado. Com a violenta guerra civil na Síria, os refugiados do país invadem o território ou morrem em áreas marítimas europeias, incentivando o nacionalismo exacerbado na União Europeia. A região também vive um momento de medo após os ataques terroristas na França.

A esperança para a região passa a ser a economia, com a expectativa de medidas monetárias mais expansionistas por parte do Banco Central Europeu. Estima-se crescimento de 1,8% na região para 2016, maior valor desde 2010. A Grécia vive um momento menos conturbado que o ano que passou, mas ainda precisa aceitar algumas medidas consideradas impopulares pelos gregos, como a reforma previdenciária.

Nos EUA, o setor industrial tem sofrido com a valorização do dólar frente a outras moedas e a debilitada demanda global, mas a economia tem se expandido acima do resto do mundo. A consequência foi o primeiro aumento da taxa de juros pelo FED em dezembro, após quase uma década perto de zero.

A China, apesar do ainda alto crescimento, mantém a tendência de desaceleração. A moeda oficial do país, o Yuan, tem sofrido forte desvalorização frente ao dólar e a bolsa chinesa perdas. Além de medidas expansionistas objetivando a retomada do crescimento, o Banco Central Chinês tem usado taxas referenciais para o Yuan para controlar a desvalorização da mesma.

O Brasil passa por sua pior crise econômica dos últimos vinte e cinco anos. Estima-se que o produto interno bruto (PIB), que significa a soma de todos os bens e serviços produzidos dentro do território nacional, sofreu retração de 3,71% em 2015, sendo o pior resultado desde 1990. A inflação registrou alta de 10,67%, sendo a maior alta desde 2002. Para 2016, especula-se contração de quase 3%. Aliado a estes fatores, a operação Lava Jato continua investigando relações de corrupção entre empresários e políticos de alto escalão do governo.

II - Preços

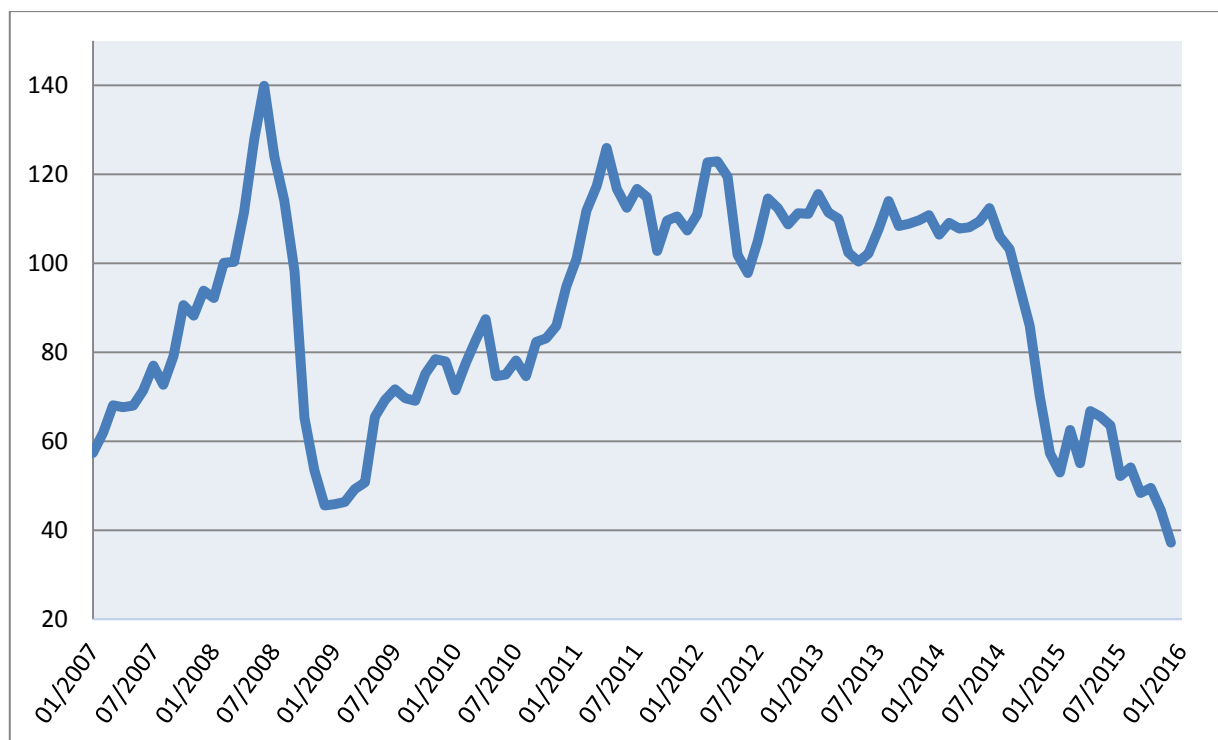
Os preços do petróleo registraram no mês de dezembro um valor mínimo de US\$ 35,98, máximo de US\$ 45,18 e média de US\$ 38,90, com oscilação de 17% ao mês.

O Departamento de Energia dos EUA (DoE) divulgou que os estoques de petróleo bruto subiram 234 mil barris na primeira semana de janeiro, abaixo da previsão de 2,1 milhões, porém a produção média diária subiu para 9,2 milhões de barris ao dia. O preço do Brent encerrou na média de US\$ 52/barril e a EIA (Agência de Energia dos EUA) prevê média de US\$ 40/barril em 2016.

Na luta pela sobrevivência de fatias de mercado, os produtores dos EUA e a Organização de Países Exportadores de Petróleo (Opep), têm mantido a produção elevada, o que deprecia o preço, levando a um círculo vicioso. Segundo previsão da EIA (Agência de Energia dos EUA), os preços do Brent deverão se manter abaixo dos US\$ 40 no primeiro quadrimestre de 2016.

O gráfico 1, mostra a queda acentuada no preço do barril de petróleo, a partir do segundo semestre de 2014. Em dezembro atingiu a média mínima mensal de US\$ 37,28, com tendência de permanência de queda.

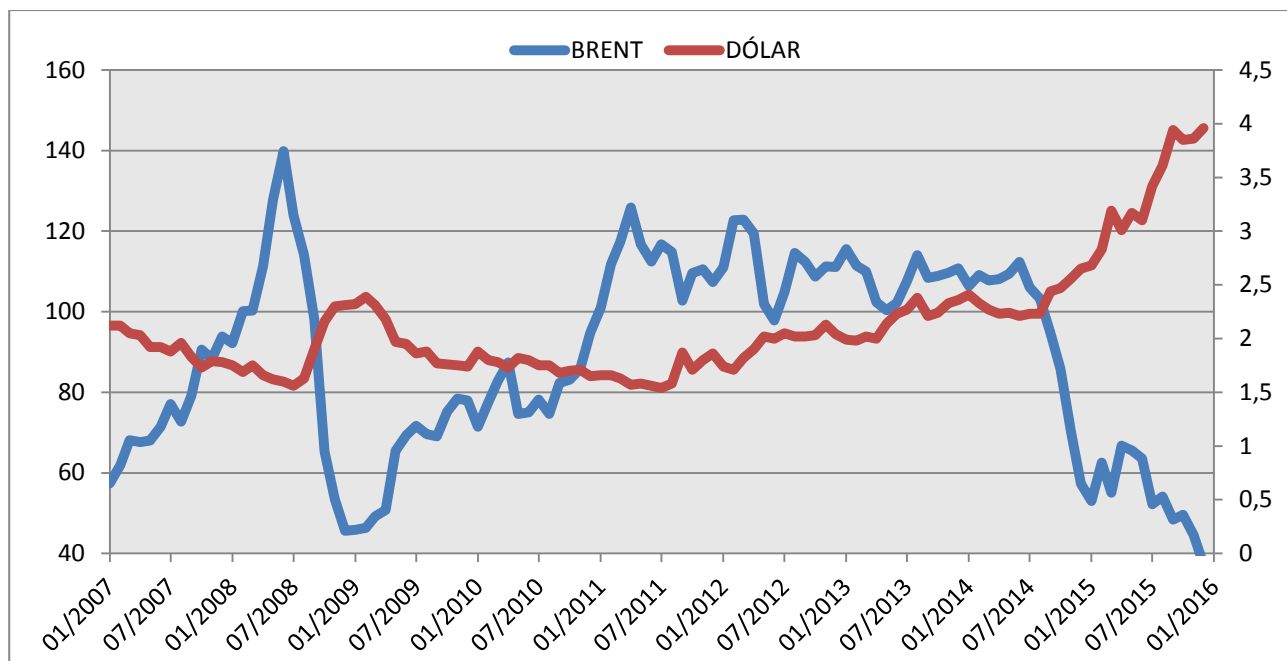
Gráfico 1: Preço do Brent



Fonte: ICE/ GOP

O gráfico 2, mostra o cálculo da correlação entre as variáveis, preço do petróleo e taxa do câmbio, mostrando uma negatividade de 0,57 entre janeiro de 2007 e dezembro de 2015, podendo ser considerada uma correlação moderada. A valorização da moeda norte-americana é uma tendência global, que encarece o preço do barril, tipo Brent, pois os negócios são denominados na moeda norte-americana, o que reduz em parte a demanda pelo petróleo. Segundo o boletim focus, de 15 de janeiro, a expectativa para 2016 é que o câmbio encerre cotado em R\$ 4,25.

Gráfico 2: Brent X Dólar



Fonte: GOP/ICE/Bacen

No gráfico 3, retirado da plataforma Bloomberg, observa-se que para o ano de 2016, o preço do petróleo Brent deve fechar na casa dos U\$ 34,98, U\$ 40,01 em 2017 e U\$ 43,64 em 2018.

Gráfico 3: Mercado Futuro



Fonte: GOP

III - Demanda

A Agência Internacional de Energia (AIE) estima que a demanda global por petróleo cresceu 1,4 milhões de bpd (barris/dia) em 2015 e espera crescimento de 2,6% em 2016.

Segundo relatório da OPEP, a atual queda nos preços do petróleo puxa para cima a demanda da commodity, que prevê um aumento para 97,4 milhões de barris ao dia em 2020. Em 2015, a demanda deve ficar em 92,8 milhões de barris ao dia. Entretanto, os impactos dos preços mais baixos devem ser reduzidos por impostos maiores sobre motores que usam combustíveis derivados de petróleo e por medidas para aumentar a eficiência dos combustíveis, principalmente na China.

IV – Oferta

A produção global de petróleo se mantém mais alta que o consumo, segundo relatório da AIE. No terceiro trimestre de 2015, a produção aumentou, em média, 1,8 milhões de barris por dia, abaixo dos dois milhões de barris no segundo trimestre. A tendência no quarto trimestre é diminuir para cerca de 1,4 milhões de barris.

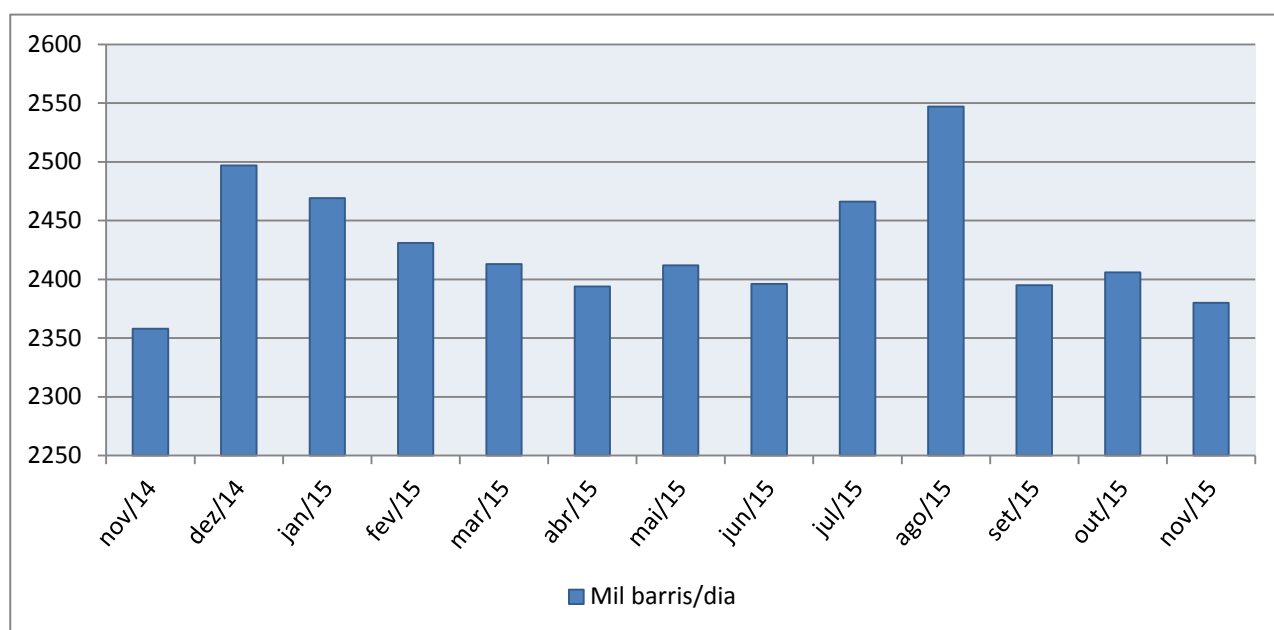
Estimativas da AIE totalizam que a produção global diminuiu em cerca de 60 mil barris por dia em novembro em comparação com outubro. A produção deve diminuir até setembro de 2016, quando deve voltar a crescer. Projeta-se produção média de 9,3 milhões de barris por dia em 2015 e 8,8 milhões em 2016.

V – Brasil

Segundo a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção no mês de novembro foi de 2380 mil barris por dia, configurando queda de 1,1% em relação ao mês de outubro, conforme demonstrado no gráfico 4.

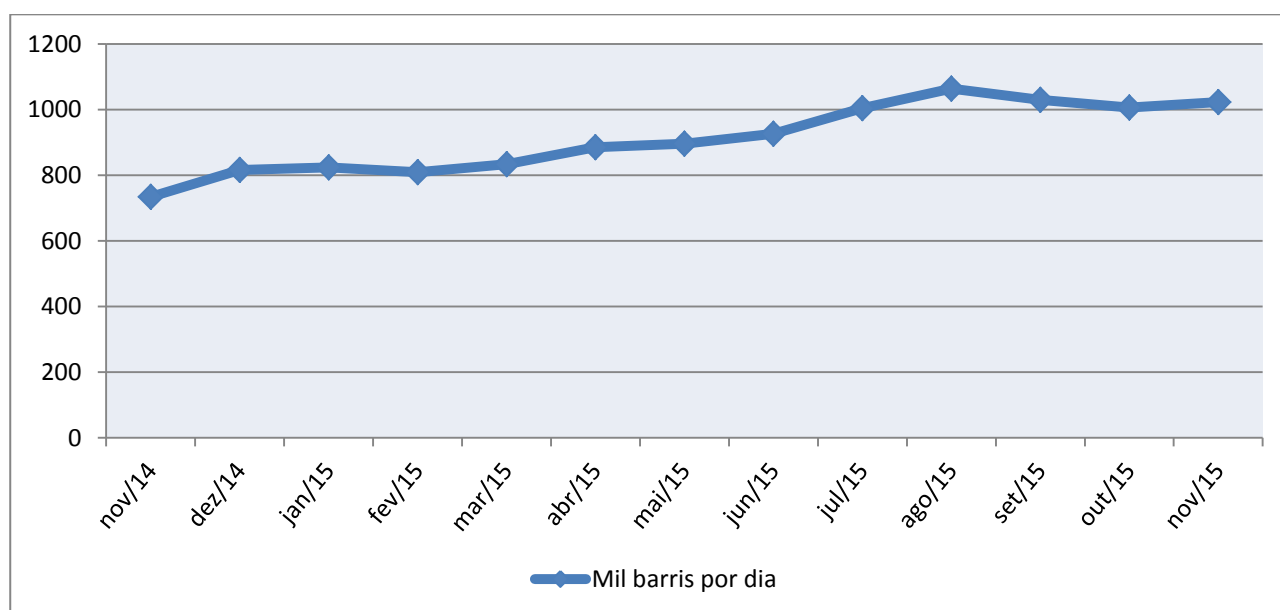
O campo de Lula, na Bacia de Santos, foi o que mais produziu petróleo no mês em análise: média de 380,8 mil barris por dia, representando 16% da produção nacional. No pré-sal foi registrado uma produção de petróleo de 820,2 bbl/d, de um total de 53 poços, representando 1,7% de aumento em relação ao mês anterior, conforme gráfico 5.

Gráfico 4: Histórico de produção de petróleo



Fonte: GOP

Gráfico 5: Evolução da produção do Pré-Sal



Segundo a ANP, o Rio de Janeiro representa 68% da produção de petróleo no país e uma queda do preço da commodity é extremamente prejudicial ao estado. Na tabela 1 é facilmente perceptível a importância do petróleo para o Estado do Rio de Janeiro, dado a grande discrepância entre o mesmo e o estado do Espírito Santo, segundo maior produtor.

Tabela 1: Distribuição da Produção por Estado

ESTADO	PETRÓLEO (bbl/d)	CAMPOS PRODUTORES
Rio de Janeiro	1.614.567	47
Espírito Santo	369.145	46
São Paulo	242.198	5
Rio Grande do Norte	55.902	81
Bahia	35.445	82

Fonte: ANP